

Experiência e método Introdução a uma entrevista com Jean-Pierre Vernant

José Otávio Guimarães¹

I

Corria março de 1999. Tinha defendido havia poucos meses, na *École des Hautes en Sciences Sociales* (Paris), minha dissertação de DEA (Diploma de Estudos Aprofundados), intitulada **Jean-Pierre Vernant ‘polymétis’: les ruses d’une anthropologie de la Grèce antique**. Dava início ao doutorado, quando, em um encontro de rotina, François Hartog, meu orientador e anfitrião no *Centro Louis Gernet de recherches comparées sur les sociétés anciennes*, disse-me sem titubeios: “chegou a hora de encontrar Vernant”.² Movendo-me no domínio da história intelectual contemporânea, precisava, de fato, começar a produzir minhas fontes. Depois de haver estabelecido na dissertação um primeiro questionário historiográfico e construído meus balizamentos conceituais, devia lançar-me de cabeça na busca de testemunhos. Ao investigar a formação e a transformação da noção de antropologia histórica no meio dos helenistas franceses da segunda metade do século XX, detendo-me em particular nos diálogos e silêncios, trocas e bloqueios, entre Vernant e os historiadores do grupo dos *Annales* (onde a noção, é notório, encontrou solo fértil como uma das expressões do tenso compromisso entre história e ciências sociais nas décadas de 1960 e 1970), pareceu-me fundamental interrogar o autor de **Les origines de la pensée grecque** a respeito de suas relações pessoais e intelectuais com três dos mais importantes nomes das ciências humanas francesas: Georges Dumézil, Claude Lévi-Strauss e Michel Foucault. O campo de trabalho dos três personagens – lingüística, antropologia e filosofia (por mais que essas etiquetas não dêem conta dos efeitos multidisciplinares de suas obras) –, reforçava a perspectiva pela qual se sublinhava a contribuição de Vernant aos estudos contemporâneos sobre a Grécia antiga: sua posição na encruzilhada de diversos ramos das humanidades. Os três personagens, ademais, foram colegas de Vernant na “marginalidade prestigiosa”³ do *Collège de France*; além do que, os dois primeiros, pode-se ler na entrevista, desempenharam papel fundamental na sua eleição, em 1974, para a cadeira de *Estudo comparado das religiões*

1 Professor do Departamento de História da Universidade de Brasília/CAPES, pesquisador do Núcleo de Estudos Clássicos.

2 Gostaria de agradecer a François Hartog, a quem devo não somente meus anos de pesquisas na França, como a possibilidade de ter conhecido pessoalmente Jean-Pierre Vernant. Agradeço, igualmente, à CAPES e à Universidade de Brasília pelas bolsas de pesquisa que me foram concedidas. Meu obrigado vai também a Raphael Benthien e Marcos Lanna que sugeriram a publicação, em português, desse trabalho.

3 A expressão é de REVEL (1998: 85).

antigas.⁴ Foi no *Collège* igualmente que, como professor honorário, Vernant me recebeu para essa primeira conversa, em 14 de abril de 1999.

II

As relações intelectuais de Vernant com Dumézil e Lévi-Strauss não são propriamente uma novidade. Por diversas vezes, em textos publicados em vida, o helenista reconheceu sua dívida para com ambos.⁵ O que me parece original, nas posições expostas na conversa, é a exploração do problema específico do tempo histórico nos três colegas, deuses reconhecidos do que se pode chamar, sem exagero e muita precisão, de panteão estruturalista. Vernant, sabe-se, fez um uso bastante pragmático da contribuição estrutural, servindo-se de certo método de análise narrativa, sem aceitar, no entanto, as derivações filosóficas de um pensamento da estrutura. Nesse sentido, o que diz sobre Foucault pode ser de grande interesse. Dos três colegas, o filósofo é aquele que menos aparece nos escritos do antropólogo da Grécia antiga. Aliás, Vernant nunca escondeu seu desconforto com certas teses de **Les mots et les choses**, livro que, segundo François Furet, sistematizou, no calor da hora, o “corte epistemológico” representado pela etnologia estrutural face à “idade ideológica”.⁶ Por outro lado, Vernant foi menos resistente ao Foucault dos últimos volumes de **l’Histoire de la sexualité**, reconhecendo na postura do classicista neófito ecos da *démarche* historiográfica de sua antropologia da Grécia antiga. Além do que, o próprio Foucault, ao precisar em 1974 sua noção de discurso, distinguiu-a da concepção da filosofia analítica anglo-saxônica e da perspectiva estrita da lingüística de Saussure, evocava justamente o ponto de vista de Dumézil e Vernant. Ambos, dizia Foucault, pensam que relações estruturais podem “intervir tanto em um discurso quanto em um ritual religioso ou em uma prática social”; longe, portanto, “de identificar ou de projetar todas as estruturas sociais, as práticas sociais, os ritos, em um universo do discurso”, eles colocam, no fundo, “a prática do discurso no interior de práticas sociais”.⁷ Enfim, é ao helenista e seu grupo que Foucault reconhece o prosseguimento metodológico do trabalho iniciado pelo lingüista: “existe atualmente na França um grupo em torno de Jean-Pierre Vernant que retoma um pouco as idéias de Dumézil e procura aplicá-las”.⁸

III

Ao falar de suas relações com os três colegas, aparecem questões sensíveis e difíceis que Vernant não deixou de enfrentar com transparência e

⁴ VERNANT (2004 : 63-64) retomou mais tarde, em termos mais ou menos próximos aos da entrevista, o relato dessa eleição.

⁵ Basta referir-se a VERNANT (1974 : 195-250), (1979 : 35-53) e (1996 : 94-104 e 352-356).

⁶ FURET (1982 : 46).

⁷ FOUCAULT (200 : 1504).

⁸ FOUCAULT (2001: 1503).

coragem. São recusados, por exemplo, os vínculos entre certas posições políticas e ideológicas de Dumézil e suas pesquisas sobre a mitologia indo-européia. Entre o plano político e o plano intelectual os caminhos são tortuosos e pantanosos e devem ser percorridos com muito cuidado e astúcia. “Não acredito” – nos diz Vernant – “que o trabalho científico e as posições que assume um pesquisador podem se explicar por suas orientações políticas. Em todo caso, aquelas não são reflexos destas, possuem certa autonomia”. Pode surpreender que, logo em seguida, após se exprimir nesses termos, Vernant marque as diferenças políticas que o separam do lingüista: « ele não era próximo das posições que podiam ser as minhas”; (...) “tinha perfeitamente o direito de ser da *Action française*, um nacionalista conservador”. O mesmo tipo de problema reaparece adiante ao contar o episódio da tentativa de publicação nos Estados Unidos de seu **Mythe et pensée chez les Grecs**. Nesse caso, o relativismo histórico-metodológico de Vernant é explícito: não é possível tratar o retrato de Pandora pintado por Hesíodo como se fosse machismo moderno. Colocado ainda em outros termos: não é possível servir-se de um poeta arcaico grego, cujos versos remontam a mais de dois milênios, para apoiar a causa política de um feminismo pretensamente esquerdista. Se o procedimento do historiador sério se faz logo visível (não se deve cair nas armadilhas do anacronismo), uma certa subjetividade vernantiana e os dilemas de seu presente vêm também subitamente à tona. Difícil não deixar de notar o anti-americanismo que guardou o velho ex-militante comunista, ou ainda, o que o próprio Vernant reconhece, suas dificuldades em lidar com as questões da sexualidade ou dos estudos de gênero postas pelos trabalhos do último Foucault e desenvolvidas, no campo dos estudos helênicos, por algumas pesquisadoras do *Centre Louis Gernet*. Delicada e sensível se tornam ainda mais essas questões ao se perceber que Vernant, escapando da identificação imediata entre as posições políticas e ideológicas de Dumézil e suas análises da mitologia indo-européia, sugere hipóteses alternativas para explicar a caracterização do mundo ariano feita pelo lingüista, a saber, sua orientação homossexual ou o fato de ter tido um pai militar. A observação faz lembrar as conturbadas relações de Vernant com a psicanálise, para com a qual a simpatia de Foucault não lhe escapou, tema que, infelizmente, ele não desenvolveu na ocasião, salvo para destacar que os psicanalistas não o tinham em grande apreço.⁹

IV

A expressão “como um barco à deriva”, que dá título ao texto, é do próprio Vernant e foi extraída da entrevista. Em seu contexto de enunciação, referia-se ao movimento de transformação constante que sofre qualquer empreitada de pesquisa desenvolvida durante um período de tempo mais ou menos longo. Serviu também ao helenista para expressar a idéia do controle limitado que tem o sujeito do conhecimento sobre a direção, atalhos e desvios de

⁹ Sobre Vernant, Foucault e a psicanálise, ver LEONARD (2005 : 22-95).

seu processo de investigação. Assim, interrogado sobre o impacto que os trabalhos de Lévi-Strauss poderiam ter exercido, a partir de certo momento, sobre suas análises do mito grego, Vernant, tentando relativizar qualquer determinação simplista baseada nas concepções de influência de uma velha história das idéias, responde: “quando nos lançamos em uma pesquisa, estamos como que em um barco à deriva. Há, ao mesmo tempo, o movimento do barco e dos remos e, igualmente, o rio que nos leva”.

V

Alguns dos pontos abordados por Vernant na entrevista podem ser tomados como mais uma contribuição às articulações entre experiência e método que ele próprio não parou de explorar nos últimos anos de sua vida. “Não é absurdo” – escreveu Reinhart Koselleck em um texto dedicado a essas articulações – “estabelecer um vínculo entre as intervenções metodológicas dos historiadores e as experiências pessoais que, um dia, lhes concerniram e que são indispensáveis para compreender suas inovações metodológicas”.¹⁰ Em seu exercício estrito do relativismo metodológico, Vernant resistiu durante boa parte de sua vida acadêmica a desenvolver essas articulações. Todavia, reconhece ter, a partir de certo momento, se tornado mais “sensível”, por exemplo, a certos temas e personagens do passado porque ele próprio havia vivido, no extenso presente de sua vida, experiências similares. Questionado, por ocasião do lançamento de seu **L’individu, la mort, l’amour**, sobre o fato de o título do livro lembrar “em certa medida preocupações contemporâneas”, reagiu: “eis um debate, que não nego existir, mas do qual sempre procurei manter distância por razões metodológicas ou de ética de pesquisa. Eu o evito menos hoje porque envelheci ou talvez porque esteja mais suscetível a fazer confidências...”.¹¹ Ele tinha, em 1989, 75 anos. É verdade que, dois anos depois, em 1991, na introdução que escreveu para **L’homme grec**, desculpava-se por fazer uso de um exemplo pessoal, mas o fazia assim mesmo.¹² Quando de nossa entrevista, havia completado 85 anos. Com efeito, se se considera o tempo de uma vida, o envelhecimento, ou simplesmente a posição do presente em relação ao nascimento e a morte, modifica o jogo e as tensões entre espaço de experiência e horizonte de expectativa. Isso não significa que Vernant tenha se deixado encantar pela ilusão biográfica, ou melhor autobiográfica, no momento mesmo em que a ascensão da memória, nos anos 1980 e 1990, suscitava o interesse de um público cada vez mais amplo por esse tipo de literatura. Ao contrário, no prefácio de **Entre mythe et politique**, adverte claramente o leitor de que não

¹⁰ KOSELLECK (1997 : 208).

¹¹ VERNANT (1989 : 127).

¹² “Para que me compreendam melhor, citarei um exemplo, esperando que me seja perdoada a referência pessoal: como poderíamos ver hoje a lua com os olhos de um grego? Foi uma experiência que eu mesmo fiz, na minha juventude, durante minha primeira viagem à Grécia” (VERNANT, 1993 : 9).

porta a pena autobiográfica.¹³ A mesma observação é retomada no início de **La traversée des frontières**, ao afirmar que essa escrita memorialística lhe parecia completamente “estranha” às suas “inclinações” e “capacidades”.¹⁴ As confidências serviriam explicitamente ao helenista, o que ele faz de maneira mais sistemática nesse último livro, para alimentar, como ele mesmo escreve, “uma reflexão geral que ultrapassa amplamente minha pessoa”.¹⁵ Essa reflexão geral, para alegria daqueles que se interessam pela experiência da história legada pela vida e pela obra desse helenista, diz respeito às “relações do passado com o presente, às fronteiras que os separam e aos meios de ultrapassar esses limites sem confundi-los nem falseá-los”.¹⁶

VI

Mantenho viva em minha memória a generosidade e a grandeza desse intelectual. Não esqueço a presteza com que respondia invariavelmente às minhas solicitações. Telefonava-me de pronto para definirmos as datas dos encontros e ainda comentava as questões que lhe havia previamente enviado. Recordo-me que, no dia dessa primeira entrevista, esperou-me, na hora marcada, no *ball* do *Collège*, para me acompanhar até sua sala de trabalho. Logo de início, pediu para que deixasse de lado o tratamento formal na segunda pessoa do plural (*vous*) e utilizasse o você (*tu*). Tentei, mas não consegui.¹⁷ Em seguida, já em sua sala, quando puxei de minha maleta as folhas com as perguntas que me serviriam de apoio, reagi de imediato: “deixe isso de lado, vamos bater um papo”. Mesmo sentindo-me inseguro sem minhas questões, cedi. De fato, não eram necessárias. Bastava soltar uma idéia, uma sugestão ou citar um nome, que Vernant desatava a falar. Era difícil interrompê-lo; o que não era, de modo algum, meu objetivo. Seu discurso era generoso, claro, impaciente; envolvia não somente o vivo movimento de suas mãos, como também o de todo seu corpo. Lembro bem como ele vibrava em sua poltrona. Quanto a mim, eu o escutava com vibrante emoção.

Referências bibliográficas

- FOUCAULT, M. “La vérité et les formes juridiques” (Conferências na PUC-Rio, 21-25 maio de 1973), *Dits et écrits I*, 1954-1975. Paris: Galimard-Quarto, 2001, pp. 1406-1514.
FURET, F. “Les intellectuels français et le structuralisme”, *Preuves*, 92 (1967); republicado em *L’atelier de l’histoire*. Paris: Flammarion, 1982, pp. 37-52.

¹³ VERNANT (1996 : 7).

¹⁴ VERNANT (2004 : 9).

¹⁵ VERNANT (2004 : 9)

¹⁶ VERNANT (2004 : 9). Sobre essa reflexão geral de Vernant, ver o belo artigo de PAYEN (2008).

¹⁷ Para essa tradução portuguesa, padronizei o tratamento com nosso “você”.

- KOSELLECK, R. “Mutation de l’expérience et changement de méthode” (1988), *L’expérience de l’histoire*, trad. fr. de A. Escudier (com a colaboração de D. Meur, M.-C. Hooek e J. Hooek). Paris: Hautes Études-Gallimard-Seuil, 1997, pp. 201-247.
- LEONARD, M. “Oedipus and the Political Subject”, *Athens in Paris – Ancient Greece and the Political in Post-War French Thought*. Oxford: Oxford University Press, 2005, pp. 22-95.
- PAYEN, P. “Par delà les frontières. L’héritage politique grec dans les œuvres de Jean-Pierre Vernant et Pierre Vidal-Naquet”(no prelo).
- REVEL, J. “História e ciências sociais: uma confrontação instável”, in BOUTIER, J. & JULIA, D. (orgs.), *Passados recompostos: campos e canteiros da História*. Trad. port., Rio de Janeiro: Editoras FGV/UFRJ, 1998, pp. 79-90.
- VERNANT, J.P. *Mythe et société en Grèce ancienne*. Paris: Maspero, 1974.
- VERNANT, J.P. *Religions, histoires, raisons*. Paris: Maspero, 1979.
- VERNANT, J.P. “Anthropologie historique et Grèce ancienne”, *Raison présente*, 91, 1989b, pp. 123-132.
- VERNANT, J.P. (dir.) *L’homme grec*. Paris, Seuil-Histoire, 1991.
- VERNANT, J.P. *Entre mythe et politique*. Paris: Seuil, 1996.
- VERNANT, J.P. *La traversée des frontières*. Paris: Seuil, 2004.